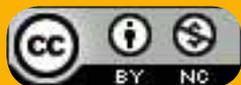


Artigos

Recebido: 29.08.2017

Aprovado: 28.11.2018

DOI <http://dx.doi.org/10.18316/REDES.v7i2.4024>

Gadamer e o diálogo enquanto caminho da sociedade contemporânea

Emerson de Lima Pinto

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-8514-5801>

Resumo: O presente artigo visa analisar o espaço que a técnica e a ciência vêm desempenhando na sociedade contemporânea por meio do pensamento de Gadamer. O debate significativo sobre a teoria e a sociedade contemporânea e sua encruzilhada com a ciência racionalista e a técnica objetificante. Em Gadamer encontra-se a noção de alteridade que oportuniza a hermenêutica filosófica em estimular o respeito ao Outro e como o Outro na experiência hermenêutica por meio do diálogo gadameriano.

Palavras-chave: Sociedade Contemporânea; Gadamer; Diálogo.

Gadamer and the dialogue as a contemporary society's way

Abstract: This article aims to analyze the space that the technique and science have played in contemporary society through thinking of Gadamer. The significant debate about the theory and contemporary society and its crossroads with the rationalist science and objectifying technique. In Gadamer lies the notion of otherness that favors the philosophical hermeneutics to encourage respect for the Other and the Other as the hermeneutic experience through gadameriano dialogue.

Keywords: Contemporary Society; Gadamer; Dialogue.

Introdução

A reflexão sobre a sociedade no pensamento de Gadamer e as transformações da ciência e da técnica, de certo modo representam um debate controverso que é permeado por uma crítica com os rumos da sociedade contemporânea. O apogeu da técnica e da ciência racionalista observada através do filtro gadameriano (re)orienta nossa compreensão, no sentido de verificá-lo num espaço relevante para a teoria no respeito ao Outro e como o Outro na experiência hermenêutica estimula a crítica ao perfil da ciência racionalista moderna.

A consciência contemporânea é debatida criticamente por Gadamer, uma vez que tem sido estruturada pela “ciência” e para a “ciência”, a partir de um viés racionalista objetivista demasiado

dogmático, e por meio de um Gadamer político (des)vela-se um determinado modelo cientificista-tecnicista moderno que tem conduzido a um perfil de sociedade que tende a se constituir em “um fim em si mesma” que se afasta da alteridade possível no diálogo. Na leitura dos textos do autor reflete-se sobre a técnica, a ciência e o diálogo hermenêutico como elementos estruturantes de uma reflexão humanista que é fonte indispensável para um debate crítico sobre o perfil da ciência e da técnica, e sua influência no modo de pensar do homem na sociedade do século XXI.

Nesse sentido, o artigo traz ao debate o diálogo hermenêutico como forma de verificar o sentido que a técnica e a ciência ocupam na sociedade contemporânea, a partir da hermenêutica filosófica que adota a preocupação com a teoria e a contribuição do diálogo para a elevação da reflexão sobre a confluência entre ciência e filosofia. A emergência da sociedade moderna com o modelo de especialização que adota a técnica como instrumental-formal e a dogmática indispensável.

A sociedade contemporânea e os caminhos do diálogo gadameriano

Na sociedade contemporânea a consciência temporal é colocada em xeque, uma vez que nela perdura sucessivas oscilações ondulares de curto prazo que colocam em risco o desempenho e relevância do Estado Social que deve assegurar a solidariedade humana (projeto de humanismo ético). Em Gadamer reflete-se sobre o fato de que as guerras destruíram a autoconsciência da Europa: “a época da minha juventude foi a das duas guerras mundiais e o intervalo entre ambas. De um só golpe, a imagem otimista do futuro e o sentimento vital baseada na fé do progresso chegaram ao fim” (1998, p. 11).

Nos anos 90, o autor concede uma entrevista ao editor Dutt (1998, p. 99) sobre diversos temas que envolvia a consciência da solidariedade existente que emerge na sociedade de nossa época, visto que demonstra profunda preocupação com as transformações e impasses que tem se mantido no cenário do século XXI que envolve desde a manipulação da opinião pública ao próprio processo de constituição de uma consciência artificial.

Porém reflita-se também no automatismo crescente de todas as formas sociais de vida, no papel, (...) crescente poder da administração que tem dado aos burocratas uma importância que ninguém desejava outorgar-lhes, porém que se tornou inevitável. Cada vez são mais numerosos os âmbitos de nossa vida que se submetem às formas coatoras de processos automáticos e cada vez menos, o próprio homem e seu espírito se reconhecem nestas objetivações do espírito (GADAMER, 1983, p. 19-20).

Na filosofia “a coisa” nunca ganha voz como ela mesma e a palavra como coisa é indireta, eis que ela não é retirada (suspensa), mas se dá na mediação, identificando a validade do que significa desenvolver a ideia de diálogo é compreendido do seguinte modo: “ela só foi conquistada junto a modelos; ela não está apoiada em investigações concentradas na coisa mesma. O caráter mediado e mediador do conhecimento filosófico ainda carecem de uma clarificação, e, para tanto, é preciso que digamos, por outro lado, o que é exatamente um conhecimento mediado e mediador” (FIGAL, 2008, p. 66). Ademais, no meio destes, o diálogo realiza a tarefa de mediador e se mostra ligado em si na busca de uma alteridade, nesse momento a coisa é técnica e ciência. Nossa prática deverá se pautar em: “a respeitar o Outro e ao Outro, e Quem não

apreendeu logo cedo, nunca resolverá inteiramente os problemas maiores da vida ulterior” (GADAMER, 1998, p. 25) e, conseqüentemente, a técnica deve estar inserida no contexto de contribuição de melhor encaminhar este processo civilizatório.

Isso é uma mudança fundamental de nossa vida. E ela se torna ainda mais digna de atenção, menos por se tratar do avanço técnico-científico como tal, mas pela resoluta racionalidade no emprego da ciência, que supera a força da persistência do hábito e todas as barreiras do tipo “concepção de mundo” com renovada isenção. Outrora, os efeitos a altura dos quais nos haviam colocado as novas possibilidades do avanço científico, foram-nos, por toda parte, limitados por normas que se mantinham válidas em nossa tradição cultural e religiosa de modo inquestionável e evidente (GADAMER, 2011, p. 17-8).

Desta forma, realça a mediação como construtor do conhecimento e possibilita a apresentação de um solo em que será cultivada a ideia de hermenêutica, com a qual podemos observar com mais atenção os usos da ciência e da técnica na sociedade contemporânea. A mediação instada pela hermenêutica leva-nos a questionar a teoria e a ciência, bem como a práxis, a fim de que observe o espaço que a ciência moderna tem ocupado atualmente.

Se *noein* é *theorein*, então também não é uma questão sensata saber o que possa ser o objecto de tal contemplação: ‘para nós’, uma suprema realização do nosso “*ai*” é o como do estar-rendido e votado ao que existe — não uma “autoconsciência”, mas, sim, a intensificação da vida que os Gregos designavam *theoria*, e em cuja duradoura permanência consistia para eles o divino. (...) Não seria difícil mostrar de que modo a ciência moderna pressupõe sempre, por seu turno, como sua condição vital, este conceito de teoria. Mas onde acabamos por chegar? Lidamos ainda forçosamente com a teoria, em semelhante recuo à constituição fundamental do homem, e não com a práxis, com as experiências do intercâmbio entre homem e homem ou da relação do homem com as coisas, que decerto não poderíamos chamar teóricas (GADAMER, 1998, p. 40).

Gadamer observa a questão acerca do significado do papel (apropriação) que a teoria tem ocupado na sedimentação do discurso científico dogmático, ao invés da mesma dever exercer no mundo da vida condição de realização do ser. Nesse sentido, a ciência moderna não pode afirmar-se como elemento estático decorrente de um impulso dogmático na construção do pensamento sabedor da tendência de que o fato da vida é a unidade de teoria e prática “condição vital” (1998, p. 40). A teoria apresenta-se como condutor da intensificação da vida e a ciência racionalista que se utiliza da técnica de modo instrumental tem se afastado desta trilha.

Eu me refiro a algo como a horrível perspectiva que foi desenvolvida com base na moderna genética em direção à mudança de genótipos e a reprodução controlada (...) Mas, na consciência do pesquisador, manifesta-se, desde então, a advertência de que ele possui uma crescente responsabilidade pelo futuro da humanidade (GADAMER, 2011, p. 17-8).

Na obra “Elogio a teoria”, o autor remete-nos na direção de uma reflexão sobre o deslocamento e o evoluir no tempo, evidenciando-se uma espécie de consciência formada que tem sido constituída pela ciência racionalista em evidência e de uma técnica reducionista do saber. No entanto não é admissível formar uma consciência estruturada “pela ciência” e “para a ciência”, visto não ser possível constituir-se em “consciência humanamente formada”, que aprende a implicar no seu pensamento os pontos de vista do Outro e a buscar o consenso sobre o que é comum e por ambos os significados, o que de certa

forma demonstra sua preocupação com os rumos que tem sido observado por esta natureza de saber do ser humano, como forma de autoconsciência (consciência humana) pertencente a um universo onde a cibernética tem ocupado espaço cada vez mais significativo e o pensar hermenêutico (dialético) relegado a um papel coadjuvante. A teoria e a alteridade são potencializadas por meio do diálogo hermenêutico neste pensar sobre os caminhos que a ciência moderna racionalista adota.

E certo que mesmo a consciência humana, de uma maneira complicada, ainda pode ser feita objeto da pesquisa científica natural. A teoria da informação e a técnica mecânica podem ser fecundas para o estudo do ser humano, esclarecendo o modo funcional da consciência humana através de seus modelos. Mas essa construção de modelos não pretende dominar cientificamente a vida orgânica e consciente do ser humano. (...) a sua verdadeira tarefa, a do conhecimento científico natural de sistemas tão altamente complicados, ainda não tenha crescido (GADAMER, 2011, p. 22-3).

Ao analisar o percurso das ciências no passado com os sofistas a dialética era uma técnica de discussão submetida a regras precisas, e que de certa forma foi transformada desde a Grécia com Platão, passando por autores como Hegel que evidenciam sua influência sobre Gadamer que aprofunda sua dissonância crítica com a denominada teoria da ciência: “é colocada na posição da filosofia no sentido de que outorga justificação. Assim se constitui a questão de saber como, sem ser uma ciência, pode possuir a obrigatoriedade desta última e, especialmente, satisfazer a exigência filosófica de justificação, já que a lógica da investigação proíbe todo tipo de especulações fantásticas acerca do todo, especulações que não estão submetidas às suas leis” (GADAMER, 1983, p. 10).

A hermenêutica para o autor tem sua origem na revelação da filosofia encontrada no “diálogo filosófico platônico” que não se depreende de outros modelos, mas integra-os de modo totalizante, sendo que “o mediador” é a “essência” do hermenêutico onde “a coisa que está em questão aqui é o hermenêutico naquele sentido amplo da palavra, um sentido que inclui a experiência hermenêutica tanto quanto os seus objetos. (...) determinação desses objetos, o pensamento precisa se corroborar, se é que ele mesmo quer ser considerado como o grau de intensidade” (FIGAL, 2008, p. 66) e a mediação menos normativa funda-se na interpretação que na dialética (Platão e depois Hegel) investigava o movimento instituindo-o em uma espécie de diálogo em que a ética se constitui como um autêntico herdeiro do projeto platônico da ciência conformadora da filosofia que mediava à tensão entre a técnica e a ciência. (GADAMER, 1983, p. 12-3).

O autor alemão menciona que a maioria das pessoas não conhece e nem precisa conhecer a hermenêutica (GADAMER, 1998, p. 24-5) tal situação não invalida o fato de que mesmo assim a experiência hermenêutica atinge-as e não as exclui de modo que em seu aspecto essencial está o fato de se reconhecer o Outro enquanto Outro. O próprio conceito de ciência reveste-se de profunda transformação onde os limites entre o “saber teórico” e “aplicação prática” estabelece certa racionalidade prática que lança fundamentos para que o próprio entendimento da hermenêutica filosófica como filosofia prática.

A tensão entre saber teórico e aplicação prática, a qual se encontra no centro da questão, é, por seu lado, sempre vencida, na medida em que a ciência faz também com que a política de aplicação na respectiva área seja um tema e a trata como ciência aplicada. (...) técnica possui esse caráter de ser ciência aplicada. (...) Pode-se formulá-la agora também da seguinte forma: quanto mais intensivamente a área de aplicação é racionalizada, mais falta o próprio exercício do juízo e, com isso, a experiência prática no seu verdadeiro sentido. (GADAMER, 2011, p. 26).

Em Gadamer constatamos que com o diálogo hermenêutico: “A palavra filosofia tem aqui naturalmente um sentido muito mais amplo que o da minha modesta cátedra. Filosofia significa seguir interesses teóricos, significa uma vida que formula as perguntas sobre a verdade e o bem de um modo que não reflete nem benefício próprio nem o proveito público” (GADAMER, 1998, p. 13).

Não se trata apenas de um problema de justificação que instiga ao filósofo transcendental sobre a compreensão da alteridade colocada em xeque por tradições totalitárias (DUTT, 1998, p. 104-5), mas também o fato de que neste processo o homem revela-se em totalidade, jogando-se com sua experiência na própria realidade de si e do outro. Na técnica há uma redução do domínio da natureza para o da vida social caracterizando-se pela repetição mecânica de forma administrativa e planejada. Na sociedade contemporânea surge a tarefa humana fundamental (GADAMER, 1998, p. 26), que deveria ser condição natural de viver com o Outro, viver como o Outro do Outro (GADAMER, 2011, p. 144).

O pensar filosófico se constitui apenas em elevar aquilo que todos sabem a um nível superior de consciência a qual não pode ser mensurada pela ciência racionalista. Realizar a crítica à sociedade técnico-científica e seus preconceitos e ideias preconcebidas, impõe-se sempre como tarefa da autodisciplina científica (GADAMER, 1998, p. 28) na medida em que se constitui em extensão de uma técnica especializada. Somos capazes de compreendermos uns aos outros, podemos compreender uma leitura e formar uma opinião, o funcionamento das coisas.

A hermenêutica filosófica desenvolve-se criticamente na análise da tradição e autoridade que se diluem na história efetiva que instiga o ser-capaz-de-fazer numa espécie de teoria do agir de Gadamer, sendo aplicável na sociedade contemporânea enquanto percepção da urgência do diálogo e proporciona reflexão sobre as possibilidades da readequação entre a ciência moderna racionalista e uma ciência que esteja a serviço do ser humano, assim como a (re)significação que o contexto que se lhe delinea e enfrenta a crise civilizatória que denuncia a incerteza, na qual uma derradeira reserva surge na Constituição Política que se institua como mero instrumental de uma técnica dogmática estruturadora de uma sociedade estática (GADAMER, 1998, p. 36). Deste modo, com a categoria do diálogo experimenta-se uma realidade, na qual os homens vivem, conscientizam-se e se tornam mais do que simples seres racionais, incorpora interesse no processo de desenvolvimento do saber filosófico, bem como observa a teoria que (re)vigora a filosofia na medida em que tenciona o senso comum e afirma a era da ciência conduzindo nosso mundo vivido. Gadamer é bastante descritivo sobre a conformação da teoria e da origem da ciência na filosofia e, orienta-se por um discurso que é correto na análise da ciência racionalista e na técnica objetivante, entretanto, não apresenta ou explicita a natureza complexa que a sociedade contemporânea possui, bem como, a relação que a tradição desempenha junto à ciência de nossa sociedade.

Nesse passo é que a práxis vital de cada um surge na hermenêutica em direção a uma autoconsciência e a alteridade por meio da compreensão da teoria. Estamos inseridos num processo que produz nivelamento das formas de conhecimento, a necessidade de (re)construir a ciência e a técnica como instrumento que acompanhe a evolução da humanidade, oportunizando a construção de entendimento (re)significado pelo diálogo gadameriano indutor de uma cultura portadora de responsabilidade para com o outro dentro de uma perspectiva intergeracional.

Considerações finais

Buscar empreender uma análise sobre a relevância do papel que a “teoria” e a “filosofia” ocupam no pensamento de Gadamer, bem como, têm para a compreensão da ciência e da técnica na sociedade contemporânea. Emerge o fato de sua hermenêutica filosófica produzir certa estranheza perante outras tradições científicas. Em Gadamer, conceitos como a dialética e diálogo são apropriados na construção da experiência hermenêutica capaz de conduzir a uma práxis humanista. Nesta trilha a consciência cultural da modernidade não passa despercebida por Gadamer que critica a condição de domínio exercido pela ciência e se aproxima a uma crítica cultural, consubstanciada no início do século XX e que perdura na aurora do século XXI permitindo-se manifestar-se em um tom mais político do que sua tradição adota.

Por fim, há uma preocupação com o fato de a liberdade condicionante do exercício da responsabilidade social e política estarem sendo restritas em razão do funcionamento correto da técnica, inclusive limita a decisão no plano da participação da vida política. A diversidade da experiência histórica pretende livrar-se de dogmas, deste modo em Gadamer não é possível encontrar um perfil normativo definitivo, pois em seu “diálogo” surge o elemento constitutivo de sua hermenêutica na qual a aplicação científica à práxis possui sentido aproximado à engenharia social. E, com Gadamer afasta-se de uma ciência vazia, uma vez que nossa real preocupação deve ser controlar a aplicação do nosso ser-capaz-de-fazer, sendo possibilitado cientificamente, e não simples tarefa da ciência, mas sim a tarefa da política” de melhor compreender e apreender a deter-nos perante a Outro como Outro.

Referências

- DIAS, Gabriel Nogueira. **Positivismo jurídico e a teoria geral do direito**. São Paulo: RT, 2010.
- CARDUCCI, Michele. **Por um direito constitucional altruísta**. Porto Alegre: LAEL, 2003.
- FIGAL, Günter. **Oposicionalidade: o elemento hermenêutico e a filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GADAMER, Hans-Georg. **Dialogue and dialectic**. Eight hermeneutical studies on Plato. Yale: Yale University, 1980.
- GADAMER, Hans-Georg. **A razão na época da ciência**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- GADAMER, Hans-Georg. *A herança e o futuro da Europa*. Lisboa: Edições 70, 1998.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método. II**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GADAMER, Hans-Georg. **O caráter oculto da saúde**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GRONDIN, Jean. **Hermenêutica: introdução à hermenêutica filosófica**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- HABERMAS, Jürgen. **Dialética e hermenêutica**. Trad. Álvaro Valls. Porto Alegre: LPM, 1987.
- HEIDEGGER, Martin. **O que é uma coisa?** Lisboa: Edições 70, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo: parte I**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo: parte II**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002.

HUME, David. **Tratado da natureza humana**: uma tentativa de introduzir o método de raciocínio experimental de raciocínio nos assuntos morais. Trad. Débora Danowski. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2009.

NUNES, Benedito. **Hermenêutica e poesia**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

ORAA, José Maria Aguirre. **Raison critique ou raison herméneutique?** une analyse de la controverse entre Habermas et Gadamer. Paris: Editorial Eset, 1998.

PEREIRA, Rodolfo Viana. **Hermenêutica filosófica e constitucional**. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

ROHDEN, Luiz; REGNER, Anna Carolina. **A filosofia e a ciência redesenham horizontes**. São Leopoldo: UNISINOS, 2005.

ROHDEN, Luiz; REGNER, Anna Carolina. **Hermenêutica filosófica**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

ROHDEN, Luiz; REGNER, Anna Carolina. **Interfaces da hermenêutica**. Caxias do Sul: EDUCS, 2008.

STEIN, Ernildo. **A questão do método na filosofia**: um estudo do modelo heideggeriano. Porto Alegre: Movimento, 1983.

STEIN, Ernildo. **Diferença e metafísica**: ensaios sobre a desconstrução. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.